

## **A literatura de cordel no processo de comunicação: os poetas como mediadores<sup>1</sup>**

Maria Gislene Carvalho Fonseca<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal - RN

### **Resumo**

A literatura de cordel, por ser um tipo de mídia e um elemento tão forte da cultura nordestina, exerce mediação entre uma realidade apreendida e codificada pelo poeta e seu público. O poeta então recebe, decodifica e dá significados ao texto, utilizando elementos da oralidade nos versos, na métrica, no ritmo, nas rimas. Os conceitos de mediação utilizados são os propostos por Barbero e Silverstone. Analisamos o folheto “Martírios de um alemão ou O conto da Cinderela: a comédia do turismo sexual”, que como o nome sugere, faz uma crítica ao turismo sexual, para buscarmos compreender a utilização dos códigos de comunicação que exercem na mediação sobre o problema do turismo sexual através, principalmente, do riso.

**Palavras-chave:** Mídia, mediação, folkcomunicação, cordel.

### **Introdução**

A mediação é uma parte do processo de comunicação que interfere no modo de receber da audiência e propõe que esta não depende exclusivamente das mensagens recebidas, mas da forma como as recebem e os contextos nos quais estão inseridos. A literatura de cordel é uma manifestação cultural que cumpre a função social de comunicar, de manter e preservar tradições, e, assim sendo, exercem vários tipos de mediação.

Os cordéis exercem mediação por diversos fatores: pela linguagem utilizada, por recodificar as notícias veiculadas na mídia convencional em versos e inserindo opinião. Outras vezes, criando causos baseados em histórias vividas ou presenciadas, ou ainda fazendo adaptações de obras clássicas da literatura universal.

Folhetos de crítica social são muito comuns. Poetas são mediadores sociais e tecem suas impressões sobre fatos, contextos e problemas de eu tempo, atuando também no registro da memória cotidiana, atentos aos detalhes e ao que interfere diretamente em suas vidas.

Como um instrumento midiático, a literatura de cordel merece atenção pelas tantas funções que consegue exercer dentro de um mesmo processo: o da comunicação. O cordelista é por vezes emissor, mediador, receptor, além de cumprir todo o processo de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Email: [mgisacarvalho@gmail.com](mailto:mgisacarvalho@gmail.com)

criação da obra, impressão, distribuição e venda. O cordel encontra assim um papel de mídia alternativa às ditas hegemônicas, que têm maior alcance e público.

Para observarmos esta capacidade dos poetas de exercerem mediação através de seus discursos, analisamos o folheto “Martírios de um alemão ou O conto da Cinderela: a comédia do turismo sexual” a partir das construções dos personagens e dos termos utilizados para caracterizá-los e, assim, fazer um alerta ao problema do turismo sexual no Ceará.

Nesta análise, realizamos uma breve revisão bibliográfica sobre os conceitos de mediação e aplicamos à prática realizada pela literatura de cordel, mais especificamente no caso do folheto escolhido. Analisamos o discurso presente nos versos do folheto “Martírios de um alemão ou O conto da Cinderela: a comédia do turismo sexual” buscando encontrar elementos mediadores que permitem reconhecer a literatura de cordel como mídia e os poetas como mediadores.

### **Folheto: a voz impressa**

A literatura de cordel é uma manifestação cultural que, embora sua matriz tenha sido trazida pelos colonizadores portugueses, mescla elementos das diversas tradições que passaram pelo Nordeste. Tem uma concepção original de criação coletiva, pois une o poeta/cantador e o leitor/ouvinte. O cordel representa uma poesia que tem base na voz, na oralidade, e apresenta-se impressa em folhetos quando, de acordo com Abreu (1999), os poetas se apropriam dos recursos disponíveis, no caso, as tipografias.

Nesse formato, a poesia se movimenta com maior facilidade e é capaz de propagar ainda mais um caso. “Imagem, texto e som presentes no universo do cordel integram sua identidade.” (ABREU, 1999, p.23). Possui uma leveza tanto física, quanto de preço. Leveza que o permite atingir longas distâncias, mesmo que não tenha grande durabilidade de tempo. “Leves no tamanho, no peso, no preço, são feitos para estar no ar, para circular.” (BRASIL, 2005, p. 38) O formato físico dos folhetos apresenta, normalmente, capa de ofício e folhas internas de jornal podendo ainda ter capa de papel 40kg e folhas internas de ofício, dobradas em tamanho 11x16cm, impressas em oficinas tipográficas com xilogravuras ilustrando as capas.

As xilogravuras são uma arte tradicional do Nordeste, com ilustrações feitas por figuras gravadas em madeira, uma “representação do mundo por meio dos sulcos escavados

na madeira, entintados e pressionados contra a alvura da folha de papel.” (CARVALHO, 1999, p.260) Como diz o poeta Antônio Carlos Barreto:

*A xilogravura é  
uma arte milenar  
Desenho em madeira  
Que serve pra embelezar  
ambientes, painéis  
E as capas dos cordéis  
da cultura popular*

A literatura de cordel segue padrões e obedece a modelos de composição, devido sua origem na voz, sua proximidade com a cantoria, com os repentes, por ser essa sua concepção inicial, só depois indo para o papel. As rimas seguem construções de versos em sextilhas e septilhas, que são usadas como recursos mnemônicos. Os poetas buscam não fugir desses padrões que facilitam a memorização a partir das repetições e dos padrões métricos. O folheto nordestino utiliza signos da cantoria para conservar as marcas da oralidade.

O cantador repentista domina as modalidades do folheto porque são formas poéticas advindas da cantoria, como as sextilhas, setilhas e décimas, os quais ele faz de improviso, o que não ocorre como regra no caso do folheteiro. O cantador treina sua memória mentalmente para o duelo improvisado, para a disputa, enquanto que o poeta cordelista vai, gradativamente, na medida em que utiliza cada vez mais a escrita, perdendo a capacidade de memorização, embora, em muitos casos não o tenha perdido por completo. (SANTOS, 2010, p. 03)

Para Martine Kunz (2001) os versos são um testemunho que apresentam a realidade em que vivem os poetas. Eles tornam-se porta-vozes daqueles a quem a linguagem escrita permanece inacessível. O leitor não é o agente passivo, receptor neutro de um produto final, mas é um elemento ativo de uma produção de sentido que não lhe é estranha. Ele exerce a função de co-autor, colaborador, pois autor e leitor estão juntos no processo de criação de uma cantoria.

Os folhetos possuem uma mobilização criadora de sentidos e significados. Perpetuam tradições. Possuem uma voz plural, pois trata-se de uma literatura do povo, uma produção coletiva, criada por inúmeros interlocutores, inúmeras vozes que, juntas, compõem uma obra. É a transmissão de saber e de conhecimento pela voz do poeta, recebida e transmitida pelos ouvintes.

Aos verbos *cantar* e *contar*, utilizados para a produção da poesia, corresponde, do lado da comunidade receptora da mensagem, uma combinação fixa de dois verbos que se pode considerar um tópico: *ver e ouvir*. O público é visto como testemunha ocular e auricular da verdade transmitida e, por sua vez, ao re-contar (repetir,

reproduzir) o que "viu e ouviu", divulgará a memória da comunidade, transformará o saber em tradição. (LEMAIRE, 2007, p. 06)

A literatura de cordel divulga, porque advém também das cantorias, os versos compostos em pelejas, em repentes, enfim, transcreve a poesia oral. Ao ser divulgada, essa poesia atua na manutenção da tradição a partir da memória do povo que está registrada nela.

O novo meio, o tempo, o espírito do povo e a força inventiva do poeta são capazes de determinar versões locais, adaptações psicológicas e ambientais que fazem das narrativas nordestinas uma literatura popular com características específicas e um vigor criativo próprio indiscutíveis. (TAVARES JR., p. 9-10)

Os cordelistas contam a história sofrida de sua realidade, mas no lugar da lamentação, a poesia que conta histórias sertanejas com humor e cantoria. Os cordéis fazem parte das manifestações populares do Nordeste e representam o ponto de intersecção entre a poética da voz e o texto escrito. Dividem com o repente e com as cantorias a função de propagar a voz poética do povo nordestino. Leandro Gomes de Barros, paraibano, foi o primeiro poeta a imprimir seus versos, que publicara em Pernambuco:

*Nestes versos eu descrevo/ A força que o amor tem/ Que ninguém pode dizer /Que não há de querer bem/ O amor é como a morte/ Que não separa ninguém.*<sup>3</sup>

Depois de morto, a viúva Venustiniana Eulália de Sousa vende os direitos autorais da obra para José Martins de Athayde, que se torna editor e seu nome nas capas dos folhetos confunde-se com a autoria.

Os poetas registram a autoria dos folhetos em acrósticos nos versos finais, que formam seus nomes ou iniciais com as primeiras letras de cada verso. Outros preferem usar o próprio nome em um verso. Um exemplo de acróstico é visto no folheto “A Força do amor” de Leandro Gomes de Barros<sup>4</sup>:

*Levemos isso em análise  
Então vê-se aonde vai  
A soberba é abatida  
No abismo tudo cai,  
Deus é grande e tem poder  
Reduz ao pó qualquer ser  
O poder d'Ele não cai.*

A origem da literatura de cordel reside na poesia da voz e depende dela para existir. Baseia-se na oralidade e na proximidade que possui com as cantorias e repentes. Os versos são criados para serem ditos, declamados em voz alta. É a voz que será capaz de atrair ouvintes que, mais adiante, comprarão os folhetos e a partir daí lê-los. Sobre a

<sup>3</sup> A força do amor – Leandro Gomes de Barros. Folheto disponível na página da Fundação Casa de Rui Barbosa – Coleção Digital. Acessado em 10/05/2011

<sup>4</sup> Folheto disponível na página da Fundação Casa de Rui Barbosa – Coleção Digital. Acessado em 10/05/2011

cantoria de Patativa do Assaré, Carvalho, 2009, afirma que a voz é a matriz poética por excelência e a escrita é o resultado final de um processo de criação.

As apresentações orais, os poemas, as charadas, as disputas não existem apenas no Nordeste Brasileiro, mas é na região que elas têm maior relevância cultural e se desenvolveram com mais força. O espaço oral marcante acabou por definir essa relevância. Os cantadores e poetas se apresentavam nos festejos nas casas-grandes e fazendas, além das feiras e festejos religiosos. O processo de contação de histórias orais inspira-se no costume medieval que encontrou um ambiente propício no Nordeste brasileiro. Essa prática atua na manutenção dos laços sociais entre os indivíduos que se juntavam pra ouvir uma boa história e entreter-se. A performance realizada é capaz de gerar sociabilidade no instante em que existe para atrair ouvintes que se tornarão compradores dos folhetos.

Lemaire, 2007, afirma que a Literatura de Cordel nasce na civilização da oralidade, onde os hábitos tradicionais de transmissão de conhecimentos é feita pela voz.

A noção de *performance*, base desses novos estudos, traz a convicção de que o texto linguístico (transcrito, impresso) é insuficiente para conhecer a poesia oral, produto de um evento artístico muito mais diversificado e rico, cujos componentes todos contribuem para a criação e o significado da mensagem poética. (LEMAIRE, 2007, p. 3)

O cordel trata-se de uma literatura fluida, passível de alterações. A matriz oral que as histórias possuem garantem a identidade da obra, a qual sofre adaptações, servindo de atrativos para os ouvintes. “Mas o cordel permanece literatura oral na convivência com o folheto e ainda as práticas de cantoria e leitura coletiva tornam sua existência mais rica”. (BRASIL, 2005, p.27)

O público precisa ser seduzido pela palavra cantada, pela força que a oralidade possui ao interpretar sentimentos. A métrica, o ritmo, a voz, o corpo do poeta agem na performance e isso envolve o ouvinte até convencê-lo a tornar-se leitor. Os folhetos são uma transcrição da poesia oral e dela não se desprende.

A presença de um poeta na feira vendendo seus poemas no suporte do papel - em folheto - já implica uma diferença: marca a passagem da voz cantada, recitada, improvisada e performatizada no aqui e agora, para uma outra maneira de transmissão. Agora a voz pode (e deve) ser fixada, o que vem a implicar, também, outros tipos de performance e outros processos de “divisão do trabalho” poético. (SANTOS, 2010, p. 05)

Deve ser levada em consideração nessa discussão, que apesar da proximidade entre poesia oral e sua impressão nos folhetos, elas trazem diferenças que vão além do mero

formato de circulação. De acordo com Santos, 2010, o folheto traz a memória do texto oral, mas quando vem impressa, apesar de manter as mesmas regras da composição da cantoria, a poesia se fecha,

ele passa a ser uma história que tem começo, meio e fim. Já não é como na cantoria que pode se prolongar e passar semanas a fio tecendo sua existência. No folheto, o tempo da peleja está determinado, o tempo muda, implica em leitura, o que já se refere a uma outra problemática, que tem a ver com um receptor que pode estar em vários locais diferentes para essa leitura. São outros espaços sociais. O que é lido em silêncio não é composto naquele instante, *hic et nunc* (aqui e agora), como a cantoria; ele esta em uma outra temporalidade. (SANTOS, 2010, p. 04)

Nas cantorias, enquanto texto baseado na oralidade, utilizando a voz, é que o texto se mantém vivo, mutável, sensível às reações da audiência.

### **Cordel, uma mediação. Cordelista, um mediador**

A comunicação é um processo que se dá entre emissor e receptor através de uma mensagem. Mas dentro deste processo, há diversas interferências que oferecem características de complexidade e de ativismo em todos os momentos dele. Um tipo de interferência são as mediações, que podem ser das mais diversas categorias, atuando quase sempre em combinações, e que impedem que os processos de comunicação realizem-se de forma mecânica e iguais para todos os sujeitos que participam deles.

Martín Barbero, 1995, considera que a recepção não é apenas uma etapa do processo de comunicação, mas um lugar novo. A audiência seria também capaz de produzir sentidos, o que não ficaria a cargo exclusivo dos emissores. O processo de comunicação fugiria do maniqueísmo que propõe que a audiência é vítima da manipulação dos emissores, como se as mensagens transmitidas já tivessem sentido pronto. O autor sugere que, nos estudos de recepção, deve-se levar em conta as interferências, ou mediações, que o indivíduo sofre no decorrer da vida: tempo, história, cultura etc.

Portanto, Martín Barbero, 1995, sugere que as discussões sobre a comunicação devem migrar dos meios [técnicos] para as mediações, definidas por ele como “articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais”. (MARTÍN BARBERO, 2008, p. 261).

De acordo com Silverstone, 1999, para compreendermos como surgem os significados e quais as suas consequências, precisamos compreender também o processo de mediação. Silverstone, 1999, defende que a mídia deve ser pensada como um processo de mediação, e a define como um movimento de significados de um discurso para outro,

implicando a constante transformação e circulação dos significados em busca da compreensão do mundo.

A mediação é comparada por Silverstone, 1999, à tradução, por nunca ser completa e inteiramente satisfatória. Ou seja, a realidade nunca será apresentada por um discurso exatamente como ela é, mas a partir de representações que fazemos ao dar significado a ela. Mas diferente da tradução, a mediação permite que o sujeito se insira no discurso mediado sobre a realidade através de ideologias, opiniões, na construção do discurso a partir de um ponto de vista específico. “A mediação é infinita.” (SILVERSTONE, 1999, p.37)

Martín Barbero, 2008, os trabalhadores que produzem, adaptam, imprimem e vendem os folhetos de cordel atuam como mediadores entre a cultura chamada erudita e a cultura popular. Martín Barbero referia-se aos folhetos que circulavam na Espanha, mas no Nordeste Brasileiro, tais atividades exercem o mesmo tipo de mediação, sendo, porém, realizadas em todas as etapas por uma mesma pessoa: o poeta.

Exceto nos momentos em que a leitura é feita de forma coletiva, onde a audiência é também produtora da mensagem – exercendo aí também um tipo de mediação – o cordelista tem em si todo o processo de produção dos folhetos. A leitura é feita coletivamente, apresentada em feiras, em eventos literários, em festivais e nos momentos em que são realizadas as performances é que o público interfere, às vezes participando da poesia, esboçando reações, despertando a curiosidade, comprando os folhetos, levando oralmente os discursos adiante.

Fincado na cultura popular, o cordel imprime o cotidiano utilizando códigos específicos, baseados na oralidade e no discurso informal, que são rapidamente decodificados pelos ouvintes, havendo assim a troca simbólica que permite a negentropia, ou seja, o acúmulo de informações trocadas através de códigos, sugerida por Flusser, 2007, cumprindo-se o processo do que o autor chama de comunicação cultural.

Os cordelistas possuem liberdade para falar sobre o assunto que bem entenderem e da forma que quiserem, sem precisar passar pela censura organizacional das grandes empresas. O aspecto jornalístico desses cordéis é percebido ao se escolher como tema uma notícia factual, ou ainda um fato histórico; e sobre esses assuntos, os poetas tecem seus comentários. A escolha dos temas acontece – na maior parte das vezes – por conta de um agendamento em cima de uma notícia veiculada na mídia. Um fato que saiu na grande



mídia e chamou atenção é reproduzido pelos cordelistas, que levam ao povo, além da descrição do fato, uma análise dele.

*No ultimo dia de maio/Em um domingo marcante/Partiu do Rio de Janeiro/Um avião muito possante/Que  
tinha como destino/Um país nobre e granfino/A frança, terra distante*

*O vôo 447/Decolou todo normal/Mas no Oceano Atlântico/Veio o desastre fatal/O avião desapareceu/Pois  
ninguém sobreviveu/No vôo internacional<sup>5</sup>*

Os versos dos folhetos trazem a crítica do poeta popular. Ele faz uma mediação entre o real apreendido por ele e os ouvintes. Algumas vezes, essa mediação é realizada entre os fatos apresentados na mídia, que são recodificados pelo poeta que os transcreve em poesia, e os ouvintes, seja através da opinião do poeta ou pela comicidade que ele insere nos versos para torná-los mais atrativos ao público e, então vendê-los. Outro tipo de mediação feita pelos cordelistas acontece através da recodificação de obras clássicas da literatura, como a *Ilíada* e *Don Quijote de La Mancha*.

A mediação realizada pelo cordelista é feita através de crítica social e vem travestida na arte que, ao comentar os acontecimentos, forma opinião. Nos cordéis, a informação que surge tem estética diferenciada da de outros veículos noticiosos. O texto em poesia rimada e a liberdade da qual é dotado o poeta transformam as informações e opiniões publicadas no cordel em uma forma de entretenimento, de diversão popular, muito mais do que um veículo prioritariamente noticioso.

Os temas do Nordeste que têm consequências sociais, econômicas e humanas, sempre foram recorrentes nos versos populares. Mas os poetas não deixam de lado temas de grande repercussão nacional. Servem como registro e interpretação de fatos e acontecimentos sociais. Manuel Diegues (1986) divide os folhetos de acontecidos em “manifestações de natureza física”, “fatos de repercussão social”, “cidade e vida urbana” e “elemento humano”.

Os folhetos classificados como “fatos de repercussão social” são os que apresentam fatos de grande interesse público. É dada prioridade a fatos de relevância pública, novidades, notabilidade e tragédias. “Refletem tais fatos os acontecimentos do dia, o que desperta interesse através da acolhida que lhe dão jornais e revistas, rádio e televisão, na difusão dos aspectos principais do ocorrido”. (DIEGUES JR., 1986, p. 98). É um registro do momento histórico vivido a partir da ótica do poeta, que insere subjetividade na escolha e na forma como relata os fatos.

---

<sup>5</sup> “O vôo 447 da Air France terminou em tragédia” – Chico Salvino, 2009



A literatura de cordel reflete a sensibilidade coletiva referentes aos fatos de relevância social, a partir do ponto de vista do poeta, que colaboram com “a repercussão de atos ou gestos, benéficos ou maus, traduzindo o como e também o porquê as populações o acolhem, e não raro os conservam.” (DIEGUES JR., 1986, p. 131). Os relatos representam valores e traduzem as manifestações dos sentimentos dessas sociedades.

Os fatos acontecidos mediados pelos folhetos foram, normalmente, conhecidos por outras mídias. Ficam registrados nos cordéis (CASCUDO apud CURRAN, 2003) os assuntos acima da norma cotidiana, que vão para o documentário poetizado no interior dos sertões do Nordeste. Os fatos que marcam as vidas dos sertanejos alimentam a literatura de cordel. Citando Noblat, Curran (2003) concorda que a produção de cordéis de acontecidos se dá de forma muito parecida com a prática realizada nas redações de jornais: narram os principais acontecimentos, interpretam e opinam sobre eles. Contribuem para a formação da opinião pública. “O folheto de época é o jornal dos que não leem jornais no interior nordestino” (CURRAN, 2003, p. 25)

De acordo com Luyten (1992), os cordéis atuam como mediadores entre os meios de comunicação tradicionais e os receptores da notícia que se encontram no que ele chama de locais específicos, que se entende como o sertão, ou qualquer outro lugar em que se tenha difícil acesso às informações. O autor defende que, ao contrário do que muitos pregam, o cordel não está em vias de se acabar, pelo contrário, ele está mudando de público – agora, estudantes, pesquisadores e turistas são quem costumam comprar os folhetos; e de localização geográfica – do sertão para as regiões urbanas. Porém, Roberto Benjamim, apud Luyten (1992, p.22) afirma que “o cordel é mais forte que a cultura erudita no Brasil”.

A literatura de cordel, quando trata de fatos circunstanciais, realiza sua mediação através de elementos interpretativos e opinativos relacionados à notícia trabalhada. O cordel aproxima-se do jornalismo quando seu texto possui elementos como atualidade e a difusão coletiva. Os poetas apresentam e comentam os fatos, e distribuem os folhetos da forma que julgam interessar ao público.

Os folhetos servem também como registro do cotidiano, pois relatam fatos de relevância pública. Curran (2003) afirma que a função que o cordel possui de informar continua sendo cumprida, além de ensinar e divertir o público. Expressa a opinião do meio onde ele circula. Considera, ainda, que “o cordel é o documento popular mais completo da história do Nordeste brasileiro.” (CURRAN, 2003, p. 20). De acordo com Curran (2003) a literatura de cordel, quando faz o registro dos momentos históricos, assume características

de crônica poética. Para ele, o cordel é, antes de mais nada, poesia popular, e, portanto, reporta eventos opinando sobre eles e levando para os consumidores locais as mensagens dos veículos de massa recodificadas.

“Multifacetada, é sua diversidade que seduz.” (KUNZ, 2001, p.61) Poetas fazem crítica social quando expressam opiniões ao relatar fatos, sejam eles reais ou imaginários. A crítica social, presente nos cordéis, é a forma de expressão da opinião dos cordelistas, que refletem as insatisfações do povo com alguns elementos de sua realidade. É ainda nos cordéis de crítica social que se retrata o inconformismo popular diante das desigualdades e dos problemas sociais. “Denuncia a realidade vivida porque enuncia a realidade sonhada” (KUNZ, 2001, p.62).

*Em consequência de uma seca horrível/ Para São Paulo o nordestino vai/ Leva no peito uma lembrança incrível /Da boa terra onde morreu seu pai/ (...)/ E passa a vida sem gozar sossego/ Sem esquecer o se torrão natal,/ Com salário de um mesquinho emprego/ Sua família vai passando mal.*<sup>6</sup>

O poeta conta sua própria história através das peripécias de seus personagens. É muito comum a existência de conflitos maniqueístas na literatura de cordel, ou seja, que apresentam uma luta do bem contra o mal. Nos folhetos encontramos a exaltação da virtude, da bravura e a valorização da honra. “A exaltação da bravura se faz nas narrativas de caráter épico do cordel”. (TAVARES JR., p.24) Há muita valorização da honra, da moral e dos bons costumes. Em contraposição a esse “bem” exaltado pela honra, pela bravura e pelas tradições existe o mal, derrotado pelo castigo do pecado e pela punição do vício. A atualidade do cordel e sua adaptabilidade decorrem da força do mito, que se tornam “perenes”, pois “o mito acompanha e acompanhará o homem, enquanto homem for.” (TAVARES JR., 1980, p.56)

Os folhetos apresentam, também, raízes religiosas, crença no sagrado, no maravilhoso, fantástico, no sobrenatural, nas histórias míticas que satisfazem as necessidades religiosas, aspirações morais, pressões e imperativos de ordem social e exigências práticas. Têm conteúdos baseados no mito, na lenda, dentre tantos outros temas fantásticos e míticos que encontram sustentação no imaginário e nas crenças populares.

O cordel exerce, portanto, um tipo de mediação entre a realidade apresentada – seja a apreendida diretamente pelo poeta em vivência ou através do discurso midiático – e seu público. Porém, como um meio de comunicação que se estabelece através dos códigos

---

<sup>6</sup> “O nordestino em São Paulo” – Patativa do Assaré In: **Aqui tem coisa**. São Paulo: Hedra, 2004

da linguagem, seja ela crítica, cômica, poética ou ficcional, a audiência também está impregnada de mediações, o sujeito que está na recepção é ativo no processo e não apenas uma caixa vazia onde o emissor insere informações. Ele recebe, decodifica e ressignifica a partir das mediações que integram os círculos aos quais o indivíduo pertence. Mediações estas que não serão tratadas neste momento devido à proposta do trabalho ser apresentar apenas o cordel como mediação.

**“Martírios de um alemão ou O conto da Cinderela: a comédia do turismo sexual”.**

O problema do turismo sexual no Ceará ainda assombra governantes e sociedade civil em geral. Mesmo com as belezas naturais do Estado e as diversas atividades que ele oferece, nem sempre chegam famílias inteiras nos voos internacionais que desembarcam no Aeroporto Internacional Pinto Martins. Muitas vezes, apenas os homens viajam com interesses unicamente de exploração sexual – incluindo de crianças – e consumo de drogas.

Como discurso, o problema tem várias formas de ser exposto, seja em discursos oficiais, seja na mídia, seja através de manifestações de movimentos sociais, em campanhas publicitárias governamentais para combater a prática, seja na literatura de cordel. Cada discurso é um mediador entre o problema que se quer acabar e a sociedade que precisa compreendê-lo, para que possa contribuir com as soluções.

No caso do folheto “Martírios de um alemão ou O conto da Cinderela: a comédia do turismo sexual”, os poetas Klevisson Viana e Arievaldo Lima contam a história de um alemão que vai ao Ceará apenas com o interesse de praticar turismo sexual, depois de ter ido ao Recife e ter sido enganado por prostitutas. Além disso, Hans, o personagem do cordel, pretende levar várias mulheres para a Alemanha, com o intuito de virar cafetão.

Casos como este são comuns em Fortaleza e o alerta para isso é sempre retomado, não apenas com a sociedade, mas também com os próprios turistas quando desembarcam, mostrando que determinadas práticas são criminosas e que, além disso, eles podem sofrer danos morais e materiais com estas atividades, como acontece com o personagem Hans do folheto.

O discurso mediado pelos poetas nos versos busca aproximar-se da comicidade, apesar de tratar de um problema social. Os códigos utilizados nos versos fazem uma caricatura do estrangeiro e das prostitutas através dos estereótipos e é daí que os leitores os decodificam com o riso.

*Um turista alemão  
De Berlim, chamado Hans*

*Veio aqui para o Nordeste  
A procura de cunhas<sup>7</sup>  
Mal desembarcou no porto  
Ganhou uma penca de fãs.*

A literatura de cordel vai muito além dos “livrinhos de piadas”, como são buscados, muitas vezes por desconhecimento. A crítica aos problemas sociais é feita, algumas vezes de forma cômica, outras apresentando argumentos de discussão.

A forma do conteúdo é apresentada a partir do olhar do poeta e das mediações que fazem o problema do turismo sexual ser transformado na ideia e na opinião dos autores. O modo como eles percebem e transformam o problema em versos e em piada dependem das mediações que fizeram parte da construção do significado daquilo para eles enquanto cearenses, homens, poetas. Sofrem a mediação do espaço, do tempo e da cultura na qual estão inseridos.

Mas a decodificação pelos leitores depende de diversos mediadores sociais, como aponta Barbero. Quando o poeta diz que “a mulher sempre abusou/do poder da sedução” (VIANA et LIMA, 2002, p.01), as feministas mais atentas podem interpretar como uma ofensa às mulheres todas, prostitutas ou não. Para outros, os termos utilizados podem passar despercebidos, causando unicamente o riso. Mas o discurso que é apresentado constitui a opinião dos poetas, o posicionamento deles como mediadores.

O preconceito, difundido pelos estereótipos, é um dos principais elementos que compõem a mediação feita pelo folheto, pois a partir da caricatura e do exagero de determinadas características é que o riso é gerado, mesmo quando trata-se de um problema tão sério.

Hans, o personagem alemão, é construído a partir de características caricaturais, para que haja o riso. “O Hans era um ‘urso panda’/ De tão calmo e desligado”. Por essa característica, dele ser “desligado”, sugere-se que ele será enganado por alguém mal intencionado. O sotaque e os erros dos gêneros dos artigos definidos são outros elementos utilizados para que se crie a imagem do personagem.

*Oh! Querrida, o meu lista  
Querria uma coisa assim!  
Esperro que você queirra  
Serr namorrada de mim.  
Vamos logo pra hotel  
Que Hans mostra a pingolim!*

---

<sup>7</sup> Expressão utilizada no Ceará para referir-se a mulheres de vida fácil.

Apesar da utilização de termos preconceituosos contra mulheres e estrangeiros, os poetas buscam alertar para os diversos problemas que envolvem o contexto do turismo sexual, como os crimes de furto, e descrevem um tipo de situação que prática envolve.

*Ela pensou: “O xerém  
Lá em casa está faltando...  
Esse alemão é esperto  
Mas está se apaixonando  
Quando chegar no hotel,  
Eu deixo o besta babando”*

Os termos escolhidos pelo poeta fazem parte do vocabulário local, mas são termos pejorativos como “o besta”, usado para referir-se a Hans, e “cunhãs”, para referir-se às garotas de programa. O personagem é enganado na história.

Quando percebe-se enganado, o tom do personagem, que até então se julgava muito esperto, muda e ele passa a apresentar-se como vítima. Mas os poetas utilizam elementos textuais para não mostrá-lo como vítima, realmente, mas como alguém que tentava mudar a situação e usá-la a seu favor. O que, novamente, mostra a opinião do poeta de que o estrangeiro, mesmo depois de ser enganado e roubado, permanece com uma culpa diante das atividades praticadas.

*Explicava o delegado:  
Ele não tem do que lamentar  
Ele não veio curtir  
A nossa linda beira-mar  
Só queria as prostitutas  
Para Alemanha levar.*

O objetivo principal do folheto é fazer o alerta sobre o problema. A opinião do poeta está presente em cada estrofe quando ele julga as atitudes dos personagens. Ele apresenta o problema a partir de sua ótica e utilizando os códigos próprios do cordel, que faz crítica social ao contar histórias que possuem uma lição.

A história contada pelo cordelista possui a vertente poética e livre de buscar a almejada objetividade jornalística, mas ainda assim, conseguimos apreender a relação do poeta com a realidade e com uma situação que tem causado danos à sua região. Ele imprime suas impressões ao apresentar os fatos, mesmo que de ficção. A história é contada como uma fábula, para que ao final se conheça a moral da história e se critique uma situação maior a partir de um caso específico.

*Turista que aqui se solta  
Igual jumento de lote  
Seguindo o exemplo de Hans  
Com mulheres de magote  
Quase sempre é depenado*

*Acaba levando um trote*

A narrativa, com seu enredo, personagens, cenário e conflitos, é a mediação que o poeta faz, apresentando o problema, possíveis causas e soluções, numa discussão pouco aprofundada, mas com o objetivo de ser compreendida da forma mais direta possível. “Martírios de um alemão ou O conto da Cinderela” é um folheto em que percebemos com clareza a mediação a partir dos códigos utilizados para afirmar os estereótipos e as caricaturas, que geram o riso, e pela opinião dos poetas presente em todo o texto.

### **Considerações finais**

A mediação é exercida quando o poeta apresenta o problema do turismo sexual a partir de um caso específico e tece comentários sobre ele, fazendo julgamentos e utilizando códigos de linguagem que caracterizam a situação, os personagens e seus comportamentos de acordo com o que o cordelista compreende e interpreta da situação.

A partir da interpretação do poeta sobre a realidade, são feitos os versos que serão transmitidos e decodificados novamente pelo leitores/ouvintes. A decodificação desta mensagem pela audiência depende das referências que cada leitor de cordel possui diante da mensagem.

A recepção do conteúdo do cordel é mediada por diversos fatores. A audiência do cordel não é mais a mesma de quando a literatura surgiu, e atualmente ele não tem mais a mesma função informativa, é muito mais opinativa, considerando que a informação chega aos lugares mais distantes dos centros urbanos pela TV. O cordel migrou para a cidade. Os leitores são os mais variados: turistas, pesquisadores, curiosos, colecionadores, apreciadores. E para alguns, funciona como líder de opinião, um mediador entre a notícia que aparece na mídia e a interpretação feita em versos pelo poeta.

O cordelista é, então, livre para ser mediador, para apresentar a realidade a partir do discurso poético, inserindo ainda outros elementos como a comicidade, no caso do folheto “Martírios de um alemão ou O conto da Cinderela”. Todos os passos do processo da comunicação estão presentes no cordel como mídia e como mediação e no cordelista como receptor, medidor e emissor.

### **Referências Bibliográficas**

ABREU, Márcia. **Então se forma a história bonita: relações entre o folheto de cordel e a literatura erudita**. Porto Alegre: Horizontes antropológicos, 2004

- CARVALHO, Gilmar de. **Lyra Popular: o cordel do Juazeiro**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006
- \_\_\_\_\_. **Uma breve história cultural do Ceará**. Anuário do Ceará, 2006. Editora da Fundação Demócrito Rocha
- \_\_\_\_\_. **Cordel, cordão, coração**. Revista do GELNE (UFC), v. 4, p. 285-292, 2002
- CURRAN, Mark J. **A Literatura de Cordel: Antes e Agora**. *Hispania*, Vol. 74, No. 3, Culture p. 570-576, 1991
- DIEGUES, Manuel et al. **Literatura Popular em Verso: estudos**. Editora Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986
- FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia da comunicação**. São Paulo: Cosac Naif, 2007.
- KUNZ, Martine. **Cordel: a voz do verso**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.
- PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992
- LEMAIRE, Ria. **Reler os textos: resgatar as vozes**. In FUNK, G. **Estudos sobre Patrimônio oral**. Câmara Municipal de Ponta Delgada. Açores. 2007
- \_\_\_\_\_. **Entre Oralidade e Escrita: as verdades da verdade**, In: **Actas do congresso Literaturas marginais**, Porto, Ed. da Universidade do Porto, Portugal: 2008
- LUYTEN, Joseph Maria. **A notícia na literatura de cordel**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **América latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social**. In: SOUSA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: USP Brasiliense, 1995
- \_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008
- SANTOS, Francisca. **Poética das vozes e da memória**. In: **Cordel nas gerais: oralidade, mídia e produção de sentido**. Org: MENDES, Simone. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.
- TAVARES JR, Luiz. **O Mito na literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980